**Protagonismo Feminino:**

**Arteterapia, Adolescentes e Diversidade**

**Resumo**

**1.Como surgiu a ideia?**

A violência por certo, é um problema vivenciado pela humanidade, e, tem seu surgimento no início da própria civilização humana. No entanto, não se pode lançar um olhar natural para tal fenômeno, visto que, envolve atravessamentos sociais, políticos e relacionais, que devem ser cuidadosamente analisados em suas complexidades. Neste contexto, é necessário que o foco recaia na construção dos relacionamentos, bem como no papel exercido pela violência e seus efeitos sobre o namoro/casamento e sobre os diversos aspectos da vida dos atores envolvidos.

Sob uma construção sócio histórica baseada em princípios culturais patriarcais, a mulher teve sua voz silenciada, seu poder reprimido e direitos negligenciados, tornando-se cada vez mais alvo de violência.

A violência contra a mulher, expressão mais extrema e explicita do patriarcado, pode ser entendida como toda e qualquer ação que fere a dignidade e integridade física/psicológica da mulher e se constitui como um problema de ordem pública e política.

No Brasil, a partir da Reforma Psiquiátrica, foi possível introduzir novos instrumentos, diferentes dispositivos, e, iniciar a busca por conhecimentos das mais diversas práticas, para embasar as ações de cuidado em Saúde Mental.

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são alguns desses dispositivos que representam a reorientação desse cuidado, partindo da desconstrução do modelo asilar, para a construção de um modelo pautado na perspectiva da clínica ampliada.

Uma das modalidades de CAPS é o Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSi), que atende crianças e adolescentes com transtornos mentais graves e persistentes e os que fazem uso de crack, álcool e outras drogas.

Dentre as estratégias de cuidado oferecidas no CAPSi, estão as Oficinas Terapêuticas, que representam uma importante ferramenta de reabilitação psicossocial e reinserção social, na medida em que possibilita o trabalho, o agir e o pensar coletivo, em uma lógica de respeito à diversidade e à subjetividade e de estímulo ao protagonismo de cada sujeito.

Nessa perspectiva surge o projeto *“Protagonismo feminino”*, realizado no CAPSi de Manhuaçu-MG, justificado pela necessidade de auxiliar as adolescentes, que tiveram seu histórico de vida marcado por experiências de abusos, no reconhecimento como sujeitos de direitos e não como objeto de satisfação e cuidado do outro, bem como, possibilitar a ressignificação das experiências abusivas por elas vivenciadas.

Nesse sentido, problematizar sobre direitos humanos, gênero e diversidades para adolescentes é desnaturalizar a ideologia patriarcal que coloca a mulher em posição de subordinação e inferioridade, e estimular novas formas de relacionamento, com seus corpos, consigo mesmas e com o outro.

**2.Como era a realidade antes da experiência ser implementada?**

Era comum nos atendimentos individuais realizados a algumas adolescentes no CAPSi, ou na Permanência-dia e oficinas, surgirem como demanda de trabalho terapêutico, histórias de violência doméstica e abusos em seus diversos subtipos.

Percebíamos que, muitas vezes, os sintomas de auto-mutilação, ideações e tentativas de autoextermínio, crises de ansiedade, e todo sofrimento manifestado em sus múltiplas formas, possuíam relações diretas e indiretas com o contexto de violência à mulher, sendo, estas, vítimas ou expectadoras de cenas de agressão e abusos.

Ao iniciar o trabalho de psicologia, sobre a abordagem da arteterapia, em um atendimento individual, propusemos a construção de telas que retratasse mulheres e suas diversas expressões. Percebendo o potencial terapêutico da experiência, ampliamos o projeto para uma construção coletiva, por meio de convite verbal, as demais adolescentes que possuíam histórico de violência e violação de direitos, visando conceder voz ao sofrimento silenciado pela violência.

**3.Como foi o desenvolvimento da experiência?**

Esse projeto teve a duração de 4 meses, ocorrendo entre agosto e novembro de 2023, no CAPS i de Manhuaçu, com encontros quinzenais, com duração de duas horas. E envolveu 07 adolescentes, com idades entre 12 e 17 anos, que tiveram seu histórico de vida marcado por experiências de violências e violação de direitos em seus diversos subtipos, tendo como arcabouço teórico e técnico a arteterapia conduzidos pela psicóloga e arteterapeuta Astharianna Barros.

O projeto intitulado “*Protagonismo Feminino*” visou possibilitar a ressignificação das experiências de violência a partir da pintura de mulheres de diversos grupos étnicos raciais e culturais. Promover reflexões a partir de construções individuais e coletivas, possibilitando a identificação, o apoio mútuo e a sororidade. Proporcionar o resgate da autoestima, trabalhar a autoimagem, o auto-cuidado, a autoconfiança, autodefesa e o autoamor.

Nestes encontros, as adolescentes tiveram espaço para falar sobre suas vivências, enquanto realizavam as pinturas, sendo utilizados como materiais, telas em branco, tinta acrílica, pincéis, lápis grafite e borracha. Os desenhos e as pinturas foram realizadas de forma dinâmica, espontânea e livre, de modo que todas contribuíam com sugestões, traços, escolha das cores, movimento dos pincéis, bem como as características e detalhes das mulheres a serem retratadas.

Durante a construção, as histórias de vida, os sofrimentos e os sintomas ganhavam voz na medida em que as adolescentes se sentiam seguras para relatar suas experiências, que eram acolhidas pelo grupo com respeito e sororidade. As intervenções profissionais aconteciam de forma muito sutil e tinham como objetivos estimular a autogestão do grupo, a cooperação, a autoconfiança e o protagonismo, sem cronograma ou questionamentos pré-determinados.

Houve também a criação de um texto, escrito de forma coletiva, que possibilitou as adolescentes resinificarem seus papéis na sociedade, possibilitando, a partir da experiência, ocupar novos lugares a partir de escolhas saudáveis e do protagonismo.

**4.Quais foram as mudanças produzidas / resultados alcançados?**

Este projeto lindo foi construído a muitas mãos, dele surgiram uma coleção de 12 telas, com retratos/desenhos de qualidade estéticas, representando a diversidade étnico-racial e cultural do universo feminino.

Ambos, o texto e as telas, foram objetos de exposição em dois eventos no território, alcançando diversos representantes da sociedade civil e da RAPS (Rede de Atenção Psicossocial). Atualmente estão expostos nas salas de atendimentos da sede do CAPS i.

A experiência coletiva aqui relatada mostrou que a Arteterapia é um recurso potente, que possibilita acessar conteúdos traumáticos de forma leve, responsável, ética e acolhedora.

A produção das telas possibilitou uma reconstrução sócio histórica dos papéis da mulher na sociedade ao longo dos séculos, em diferentes culturas. Acessar essas imagens, também permitiu que fossem ressaltadas todas as conquistas já alcançadas, possibilitou as participantes resinificarem suas experiências traumáticas e relação estabelecida com seus próprios corpos, bem como valorizar a beleza existente na diversidade e na pluralidade.

**5. Conte o que você aprendeu com o processo vivenciado e que poderia ajudar outros trabalhadores na implementação de experiências como essa.**

A Arteterapia revelou-se fio condutor e facilitador de todo esse processo, pois, possibilitou, que emergissem símbolos de significados individuais e coletivos que talvez não encontrariam expressão pela via da palavra.

Na medida em que cada imagem ia sendo criada os objetivos foram alcançados como a fluidez da tinta sobre a tela, também foi possível deixar fluir os próprios sentimentos, surgindo novas cores e formatos de si mesmas.

**6. Houve relação entre diferentes serviços da RAPS? Quais? Como se deu essa relação?**

A experiência aconteceu dentro da sede do CAPS i. As duas exposições voltadas ao tema do feminino, ao qual a experiência foi exposta, envolveu diversos representantes da sociedade civil, incluindo outros pontos da RAPS, os resultados se fizerem por meio de comentários que continham elogios, reforçando o encantamento pela beleza estética, e sentimentos de pertencimentos a cada mulher que se vi representada em algumas das imagens.

**7. O que te mobiliza no cotidiano do trabalho na RAPS?**

Acompanhar a evolução dos casos.

Perceber as mudanças positivas nos usuários e famílias a partir das intervenções realizadas.

Possibilitar a saúde mental acontecer de acordo com os princípios da reforma psiquiátrica, frisando o cuidado em liberdade e no território.

Trabalhar em rede integrando os princípios do SUS

Utilizar da arteterapia como abordagem que possibilita esse cuidado na perspectiva da clínica ampliada.

**8.O que você conta do que você sentiu durante a realização dessa experiência?**

Os sentimentos evocados durante a realização desse projeto foram de sororidade, empatia, raiva, impotência, proteção, pertencimento e gratidão.

**9. Como foi lidar com esses sentimentos?**

Olhar com mais delicadeza e profundidade para a experiência, nos permite entrar em contato com os sentimentos evocados pelo processo, que aconteciam de forma dinâmica e espontânea e muitas vezes era expressado para o coletivo, em forma de devolutiva, para que fossem trabalhados terapeuticamente pelas adolescentes/grupo.

Ao expressar os sentimentos evocados, a partir do contato, respeitando a ética profissional, foi possível gerar conexões e um ambiente seguro de acolhimento e respeito mútuo que favoreceu dar voz aos sentimentos das adolescentes e aos meus, bem como possibilitou novos diálogos, reforçando o sentimento de força, a fim de promover a ressignificação das situações vivenciadas, corroborando a escolhas mais assertivas e impulsionando o protagonismo.

**Palavras-Chave**

“Protagonismo feminino, Direitos Humanos, Arteterapia, Diversidade”